



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A BATALHA DO SALADO.**

LIMA, Augusto César Pires de

Ano: 1921 | Número: 31

---

### **Como citar este documento:**

LIMA, Augusto César Pires de, A Batalha do Salado. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 30-32.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A BATALHA DO SALADO

---

Pelos campos do Salado  
D. Afonso caminhava;  
Está de mouros cercado:  
Era nuvem a mourama...  
De repente se quedou,  
Os seus e os perros contava;  
Vai-se a Deus encomendar,  
Bem sabeis que demandava:  
«Se nos falta a vossa ajuda,  
«Perdido temos o reino;  
«A vossa bênção nos cubra,  
«Que nos valha o vosso lenho.  
Acode nisto D. Alvaro  
(O' que tam bem parecia!)  
Como pai do Condestável,  
Ardor do céu o movia:  
«Erguei os olhos à cruz,  
«Cavaleiros, esforcemos,  
«Os passos Deus nos conduz,  
«Tende fé que venceremos.  
Linda mula se aprontava,  
Tôda branca à primazia;  
Sacerdote de alvo manto  
Para a sela se subia;  
Na mão traz uma lança  
Da vera cruz encimada:  
Por onde a luz se derrama,  
Novas fôrças espartava...

\*

Poucos são os portugueses,  
Mas lutam como leões;  
Não valem elmos, arneses,  
Os mais rijos lorigões;

Quando os braços levantavam,  
 P'las vestes sangue corria;  
 Em peças elmos voavam,  
 Um cavaleiro caía,  
 Tam basta a chuva de setas  
 Que a luz do sol se tolhia;  
 Cavalos correm sem dono,  
 Os donos lutam pé terra;  
 Há cem lides corpo a corpo,  
 A brocha os braços descerra;  
 De sangue em fio correndo,  
 As ervas já se tingiam;  
 Os cristãos enfraquecendo  
 Aos mouros campos cediam:  
 «Tantas horas a lutar  
 «E ninguém p'ra nos render,  
 «E os mouros a refrescar,  
 «A crescer, sempre a crescer!

\*

Galopam três cavaleiros,  
 A montante abrem caminho;  
 Por onde passam ligeiros  
 Nem um só deixam por vivo;  
 A D. Alvaro, prior  
 Da ordem de S. João,  
 Se dirigem a gran pressa,  
 Pedem o santo Guião.

.....  
 Corre o vale um cavaleiro,  
 Por tôda a parte buscava;  
 Pouco depois um luzeiro  
 Sôbre um cabeça brilhava:  
 Era a cruz que lá de cima  
 Os seus ramos estendia;  
 Mata a sêde aos bons guerreiros,  
 Suas fôrças refazia;  
 Dos ramos chovem estrélas  
 Que aos cristãos servem de guia;  
 Inféis não podem vê-las,  
 Pois a vista lhes morria,  
 E a mourisma pelos montes  
 Como louca já fugia.

\*

Depois de a luta findar,  
A hora do meio dia,  
No mais alto, a dominar,  
A cruz erguida se via;  
A hoste de D. Afonso  
Em redor se recolhia;  
Era tal a mortandade  
Que vales, serras enchia;  
As chagas eram tamanhas,  
Só S. Tiago as faria!  
Enquanto os vivos murmuram  
A Deus graças com fervor,  
Descem os anjos à terra  
A levar para o Senhor  
Todo o cristão que morrera:

Cavaleiros esforçados,  
Depois de tanto lidar,  
Lá do céu foram chamados,  
Vão das lides repousar!...

Dos heróis as almas puras,  
Sobre as nuvens a pairar,  
Vão subindo nas alturas...  
Ninguém as pode enxergar.